

**Veículo:** Gazeta Mercantil

**Data:** 22.04.04

**Seção:** Política

**Página:** A 8

## Ajustes na relação entre PT e PMDB

José Antônio Severo  
de Porto Alegre

Os dois partidos majoritários da base de sustentação do governo, PT e PMDB, estão esquentando os músculos e ajustando seus ponteiros internamente para a negociação a fim de estabilizar de vez a ação política nos próximos meses. O objetivo é delimitar o espaço de cada um na partilha do poder, para evitar que os embates da campanha eleitoral contamine a administração federal, enfraquecendo o presidente Lula e seu governo.

O PT, numa reunião do Diretório Nacional, sábado e domingo, em São Paulo, bateu o martelo: a política econômica é assunto do presidente Lula. Bater nessa tecla é politicamente errado e contrário à linha do partido. As diversas tendências desalinhadas não devem se meter nesse assunto, limitando suas ações e opiniões às áreas que lhes foram reservadas, como reforma agrária e meio ambiente, por exemplo.

Já o PMDB age no sentido de equalizador suas três vertentes de poder. Uma dela é delimitada pelos governadores, Segunda maior força executiva do País, depois da União. Uma outra, pelas bancadas federais, onde são expressivos, majoritários no Senado e decisivos na Câmara. A terceira, é a regional de São Paulo, com configuração própria

nesse sistema, devido a seu peso eleitoral e por estar na cidade-vértice da política brasileira.

No PMDB, os três segmentos disputam entre si e tem pontos diferentes e específicos de contato com o PT do presidente da República. Os governadores, engessados pela falta de recursos, sem possibilidades de aumentarem suas arrecadações, reivindicam mudanças nos critérios e fórmulas de cálculo dos pagamentos das dívidas estaduais com a União, repasses das verbas constitucionais e compensações para os estados exportadores. Os senadores e deputados querem influir nas liberações das verbas de emendas orçamentárias e terem palavra no atendimento de reivindicações de interesse de suas bases eleitorais. A regional paulista defende sua independência para participar como curinga na eleição municipal decisiva, na cidade de São Paulo. A pacificação paulista é o fato novo mais importante dessa rearrumação peemedebista.

O partido, no maior estado da Federação, estava rachado pela disputa entre suas duas principais lideranças. De um lado o ex-governador Orestes Quercia, de outro o presidente nacional do PMDB, deputado Michel Temer. Quercia comanda as bases desde que venceu a disputa interna no estado; Temer, derrotado na últi-

ma eleição interna, tem o apoio das bancadas parlamentares. Sábado passado foi selada a paz, com Quercia lançando Temer candidato a prefeito da capital, sepultando uma coligação com o PT de Martha Suplicy.

O PMDB está procurando, agora, soldar as três partes em que se dividia, negociando em bloco. Um primeiro objetivo é evitar o efeito de cunhas divisionistas, como a que o presidente Lula estava implantando, ao criar um espaço de relacionamento diretamente com as bancadas federais, como se viu na semana passada em Brasília.

Os governadores falaram grosso, ontem, em Curitiba. Mas o presidente Lula também está em excelentes condições para negociar com o PMDB. Seu partido deu-lhe respaldo para defender o ponto mais sensível de seu programa de governo, a política econômica, atacada pelos governadores na capital paranaense. Será difícil fazê-lo abrir o cofre por pouco. Mas também terá que exercitar toda sua proverbial capacidade negociadora diante de um PMDB que chega à mesa com suas arestas aparadas para impor-se como força unida diante do presidente. A soma de dois partidos fortalecidos e consistentes é positiva para assegurar a governabilidade num tempo tormentoso de disputas eleitorais.